

## **Entrevista com Vicente Paula da Silva, devoto de Nossa Senhora Aparecida**

*Lourival dos Santos<sup>1</sup>*

A entrevista fez parte de minha tese, defendida na Universidade de São Paulo em agosto de 2005. O trabalho objetivou compreender as formas de devoção de negros a Padroeira do Brasil.

A entrevista é composta por três fases: pré-entrevista, entrevista e pós-entrevista. A primeira fase consiste em encontro com o colaborador e explicação dos objetivos do projeto. A segunda fase é a gravação e a terceira é a devolução do texto final para conferência e autorização do texto final. Cada fase pode ter um ou mais encontros, dependendo da disposição e disponibilidade do colaborador e do diretor do projeto.

A entrevista abaixo é resultado de processo de transcrição, textualização e transcrição, etapas necessárias para adequação do código oral para o código escrito.

Esses procedimentos de História Oral são usados pelo Núcleo de Estudos de História Oral, da Universidade de São Paulo (NEHO-USP), ao qual me filio.

Essa entrevista foi feita em 23 de novembro de 2001, no diretório municipal do PT de São Bernardo do Campo, algumas semanas depois de contatar o sindicalista no Santuário de Aparecida durante a “5ª romaria das comunidades negras no Santuário Nacional de Aparecida”. Vicentinho foi um dos idealizadores da Romaria que teve sua primeira edição em 1988 durante o centenário da abolição da escravatura no Brasil. Todos os anos o evento se realiza no primeiro domingo de novembro no Santuário. Depois de quase duas horas de atraso para o início da conversa tivemos uma entrevista muito produtiva. Fiz poucas perguntas. Eloquente, o sindicalista falou sobre sua vida, sobre a devoção a Nossa Senhora Aparecida e suas práticas religiosas.

A sala dele era bastante simples. Ao lado de sua mesa havia uma estante com imagens de santos, brasão do Corinthians, a foto da esposa e um quadro de Zumbi.

---

<sup>1</sup> Prof. Adjunto do Curso de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Três Lagoas.

*“Essas coisas são muito marcantes.*

*Sobrevivi a isso. Sobrevivi a uma realidade. Tenho marcas nas pernas. Feridas da infância. Eu nunca vi criança com isso. São feridas grandes e graves que hoje diminuíram”*

Meu nome é Vicente Paula da Silva, nasci no dia 08 de abril de 1956, num sítio chamado Sítio Maravilha, no município de Santa Cruz, Rio Grande do Norte. Já nos primeiros meses de vida mudei-me para a cidade de Acari onde meus pais foram buscar trabalho. Fomos em cima de um carro de boi. Vivi em Acari até meus vinte anos.

Minha mãe é cabocla, descendente de indígenas. Dizem que minha bisavó foi pega no mato. Era uma família pobre, mas muito respeitada por sua honestidade.

Dizer-se neto de Manoel Germano era bom documento em qualquer lugar, por assim dizer. Meu pai era negro. Casou-se com minha mãe e eles foram trabalhar no sítio onde nasci.

A família tem um sobrenome “Germano” eu não sei bem por que. Parece um nome que veio da Alemanha... Trata-se de um povo muito honesto e trabalhador. Meu pai foi agricultor desde pequeno. Não sabia ler. No dia em que ele morreu, aos 75 anos, estava trabalhando na roça.

Minha mãe foi dona de casa. Autodidata, aprendeu a ler sozinha. Era muito conselheira. Eu a considerava uma espécie de mulher revolucionária porque ela fazia de tudo para não passarmos fome. Tinha atitudes inteligentíssimas. Minha irmã me contou que para não passarmos fome no sítio em que morávamos, ela saía à noite e matava um bode. Escondia o couro debaixo da terra, tirava toda a carne e guardava a carne que comíamos durante um bom tempo. Ela fazia o mesmo nas roças onde colhia mandioca, pegando apenas uma raiz, deixando as demais sem matar a planta. Assim ela não prejudicava ninguém. Meus pais eram muito cuidadosos, muito honestos, só que ela tinha que fazer isso para a gente não passar necessidade. O cidadão que era dono da fazenda tinha muita coisa: gado, cabra, plantações, mas nunca dava absolutamente nada para os outros. Era um sofrimento muito grande. Essas coisas são muito marcantes.

Apesar de muito trabalhador, por não saber ler, meu pai sofreu muito com a relação que tivemos com os patrões dele. Era uma vida de sem terra. Isso o revoltava muito. Desde rapazinho trabalhava na terra dos outros. Trabalhava como meeiro. Mas não havia controle de nada. Para se comprar semente só com o patrão, o dono da terra, não era possível comprar em outro lugar e ele determinava o preço. O mesmo acontecia com a comida: rapadura, feijão, jabá, farinha. Tudo era comprado no bar, na bodega, no barracão do dono da terra. Os preços eram determinados pelo dono da terra. Ao final da safra, a produção era pesada na balança do mesmo dono e a parte do meu pai acabava sendo vendida para esse mesmo homem que fazia as contas. Por não saber ler meu pai ficava muito dependente. Acabava por dever também para o próximo ano e isso o deixava muito chateado.

Apesar da exploração que presenciei tenho lembrança de uma família muito carinhosa. Meu pai e minha mãe eram pessoas fantásticas que me deram uma boa base para a vida.

Tenho duas irmãs e um irmão. Como acontece com tantas famílias, perdi dois irmãos ainda pequenos e outro morreu com treze anos de idade. Esse seria meu irmão mais velho que nem cheguei a conhecer. Meus pais são falecidos. Meu pai morreu em Acari e minha mãe morreu em São Paulo após um tratamento de câncer. Depois que deixei a cidade, demorei cinco anos para voltar, depois disso, tenho voltado todos os anos.

Minha família era muito religiosa. Em Acari, nos tornamos devotos de Nossa Senhora da Guia, padroeira da cidade. Quando menino, entre os sete e os dez anos de idade, eu lia os “Ecos Marianos” – uma revista que minha mãe tinha. Tenho ainda muita vontade de ler essas coisas. Pena que depois da morte de meus pais elas desapareceram. Lá já estava Nossa Senhora Aparecida. Minha mãe vivia invocando as duas santas. Isso foi algo muito marcante.

Lembro de uma dessas revistas que tinha a história de Maria Gorete e outra que falava de um padre que lutava boxe.

A devoção a Nossa Senhora da Guia era mais forte. O povo de lá é muito devoto. Tenho uma imagem dela em casa. Veste roupa azul e tem um menino Deus no colo e anjos abaixo entre nuvens contemplam o céu.

A festa de Nossa Senhora da Guia é a maior da região de Acari que tem cerca de dez mil habitantes. Quando da festa chega a ter vinte mil! Tem de tudo na festa. Aqui usam o termo quermesse que não é usado lá. É uma gigantesca quermesse que lá são chamadas de “barracas”. Tem vaquejada, tem as brincadeiras das meninas que concorrem com as danças, divididas em grupos de cores: verde, azul e vermelho. À noite ocorrem as novenas. Cada noite a novena é dedicada a um grupo. Na noite dos motoristas as ruas se enchem com automóveis, cavalos e carroças. A noite de político importante era a que tinha mais fogos. Acho que agora não tem mais isso. Juntam-se bandos de famílias ou de agricultores.

Tudo isso dura nove dias, de cinco a quinze de agosto. Eu já tive a oportunidade, na condição de presidente da CUT (Central Única dos Trabalhadores), num congresso com mais de oito mil delegados de mais de 70 países de dizer: *“olha, hoje, é a Festa de Nossa Senhora da Guia, lá em Acari, a essa hora está tendo a procissão”*. O povo estranhava, mas quem era do nordeste sabia por que nós queremos muito bem a Nossa Senhora da Guia.

Na minha terra a gente queria muito a Frei Damião que fazia muitas missões por lá. Minha mãe também ia a Juazeiro para venerar Pe. Cícero. Eu também tinha uma relação muito carinhosa com um São Francisco de Canindé da cidade de Chagas, aonde o povo vai em busca de conforto, esperança e milagres. Tenho muita vontade de ir para esse lugar. Infelizmente eu nunca fui. Talvez eu vá esse ano ou no próximo. Depois das eleições está garantido uma romaria para Aparecida para agradecer à Nossa Senhora da Guia. A proposta dessa romaria surgiu em uma celebração em Acari com uma família muito devota de Nossa Senhora.

Nossa Senhora Aparecida foi entrando na minha vida através das falas de minha mãe e do povo da minha cidade. Cantava-se muito o hino de Nossa Senhora Aparecida.

Quando vim do norte para cá uma imagem que ficou muito marcada foi a passagem do ônibus por Aparecida. Ver aquela Igreja pessoalmente foi uma coisa muito marcante.

Quando cheguei em São Paulo me envolvi completamente na luta sindical e passei a participar menos da Igreja. Conheci Frei Beto que é meu compadre e dizia a ele que sentia um pouco de remorso por não ir mais a

missa, mas estar numa assembléia de trabalhadores. Não comungava e pensava estar pecando. Mas Frei Beto dizia para eu não me sentir mal porque eu estava vendo Cristo no miserável e na criança. Estava vendo Nossa Senhora na mulher, na mãe com a criança na rua pedindo esmola. Ela simbolizava Nossa Senhora Aparecida e era preciso fazer algo para mudar essa situação. É assim que a gente imagina e pensa.

Então fui começando a ver Nossa Senhora Aparecida de outra maneira, não apenas como a santa milagreira. Passei a vê-la com o significado introduzido pela reflexão de Frei Beto e também pela irmã Gorete, que também é minha comadre.

A partir de então passei a interpretar a História de Aparecida de outra maneira, como mais um gesto em que a gente gritava: *“Mãe Aparecida, o povo quer comida”*. Isso fez que eu me tornasse um participante da romaria de Aparecida, sobretudo da romaria dos trabalhadores: a romaria dos excluídos. Dessa eu participei de todas. Ela é feita em sete de setembro. Faltei em algumas para participar das manifestações no bairro do Ipiranga aqui perto.

Uma das coisas mais marcantes em relação a Nossa Senhora Aparecida é a lembrança daquele gesto desrespeitoso de um bispo em 1994 ou 1995.

Na condição de presidente da CUT, sugeri que nós fizéssemos uma jornada *“Zumbi pela Vida”*. Uma caminhada de cinco a quinze de novembro do MASP até a igreja de Nossa Senhora Aparecida. Esse momento foi muito marcante na vida de pessoas como Milton Nascimento. Programamos dez dias para pararmos nas cidades e falar de Zumbi. Parávamos nas cidades e retornávamos para a estrada.

Encontrei Milton Nascimento e disse a ele que tinha gostado muito da *Missa dos Quilombos* e que gostaria que ele cantasse e fizesse uma encenação na igreja de Nossa Senhora Aparecida. Apesar de concordar plenamente ele me contou que o Vaticano o proibira de fazer aquela manifestação em qualquer igreja no Brasil. Eu, inocente, não sabia disso. Não sei o motivo, sei que era proibido e ele estava muito frustrado. Então eu fiquei com a tarefa de falar com o recém-chegado bispo Dom Aluísio. Ainda bem que era ele! Conhecíamos-nos de outras jornadas e para minha felicidade ele autorizou a celebração. Milton Nascimento promoveu esse show em vários

lugares do país e sempre agradecia a Central Única dos Trabalhadores por ter tido a oportunidade de celebrá-lo em Aparecida.

Há um vídeo sobre essa celebração, além do CD que já existia. Começamos a fazer essa jornada e o Milton anunciou no jornal e em outros lugares. Saímos com cinquenta e três pessoas a pé, cantando músicas africanas, brincando. Havia entre nós companheiros espíritas, da Umbanda e até mesmo ateus. Tudo com o maior respeito por Aparecida. Viramos amigos. Eram todos muito companheiros daquele povo que a gente não esquece em lugar algum. Quando finalmente chegamos a Aparecida éramos quarenta e cinco mil pessoas lotando a Igreja. Foi um momento em que me emocionei muito. Pois tinha pedido a Nossa Senhora Aparecida que ninguém se machucasse ou adoecesse. Eu especialmente, não podia adoecer, pois tinha feito a proposta e diziam que era coisa de maluco.

A gente sempre era um pouco ousado na luta. Fomos falando de Zumbi dos Palmares em cada cidade. Em São José dos Campos uma companheira do Rio cantou e a gente foi recebido pela comunidade. Foi muito marcante na minha vida ver meus filhos, minha esposa, os parentes da minha sogra. Foi um negócio muito bonito, inesquecível.

Quando chegamos a Roseira, cidade próxima de Aparecida paramos todos e dormimos. Fomos recebidos muito bem num alojamento improvisado numa quadra.

Quando a gente começou a viajar todo mundo se machucou nos três primeiros dias. A partir do quarto ou do quinto dias todo mundo foi melhorando.

Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora Aparecida e São Francisco são santos de minha devoção. Tenho um carinho especialíssimo por São Francisco por causa da história de vida dele, de suas concepções e da relação do mesmo com a própria Igreja.

Tive a honra de estar em três lugares muito religiosos. Estive em Roma participando de um seminário no Vaticano. Estive em Assis que realmente tocou meu coração por ser uma coisa diferente. Uma cidade que cresceu abaixo do morro e ficou grande. Eles viviam no morro. Era para aquele lugar que São Francisco ia quando estava com depressão ou sonhando. Quando São Francisco tinha as manifestações dele. Esse local, onde ele se deitava estava muito preservado e é um lugar muito bonito. Para mim esse lugar é uma

referência. São Francisco é realmente o santo de minha devoção. Estive também na Palestina, em Jerusalém fui a *via crucis* com Frei Beto.

Em minha casa tenho imagens de São Francisco, São Vicente – que é o santo do meu nome. Minha mãe sempre falava que ele era caridoso. Tem também de Nossa Senhora da Guia, Nossa Aparecida e Jesus Cristo.

Eu acredito em milagres, mas os interpreto de maneira um pouco diferente. Creio que nós seres humanos temos capacidade de pensamento e articulação que os outros seres não têm. Assim, acho que milagres são as mudanças que acontecem por nossa ação. Milagre é a gente discernir o bem do mal. É saber que o Paraíso um dia foi aqui e nós o desmantelamos e é nossa obrigação corrigir isso. Deus não é apenas um deus da Terra, mas de todo o universo e agente ainda vai conquistar o paraíso aqui nessa terra, lá na frente.

Cristo para mim é uma referência de vida muito grande. Ele não foi pobre, filho de operário à toa.

Eu ainda acredito em milagre da seguinte forma: minha sogra teve hepatite C que é uma doença nova que ainda não tem cura. Vi que no Rio quase teve uma epidemia. Minha sogra quase morreu. Eu a levei ao hospital numa cadeira de rodas. O fígado estava destruído e o médico a desenganou. Resolvemos rezar, pois não havia mais nada a fazer. Fizemos terços em família e orações espontâneas. Eu acredito que foi um milagre ela ter ficado boa. O fígado se reconstruiu, ela está se recuperando, cantando, sorrindo, brincando. Eu acho que foi uma graça fantástica.

Essa foi uma das grandes recentes graças que recebi. Penso que minha vida seja um milagre. No dia em que nasci estava chovendo. Morávamos em um sítio e a parteira morava do outro lado do rio. Houve uma enchente e o rio estava muito forte. A correnteza tinha entrado nas casas. Mesmo assim meu pai conseguiu atravessar, mas a mulher não pode voltar rápido com eles. Quando eles chegaram, eu já havia nascido e estava morrendo com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Minha mãe estava morrendo também.

Sobrevivi a isso. Sobrevivi a uma realidade. Tenho marcas nas pernas. Feridas da infância. Eu nunca vi criança com isso. São feridas grandes e graves que hoje diminuíram.

Passamos fome. Saí de minha terra sem conhecer absolutamente nada. Vim para São Paulo fugindo da fome e da seca. Enfrentei todos os obstáculos e nunca cometi um ato de traição. Jamais pisei no pescoço de alguém para assumir um cargo. Consegui ser uma das maiores referências operárias do país, da América Latina e talvez do mundo. A gente fica feliz, se envaidece – mas não é uma vaidade que prejudique ninguém. Eu diria que isso é milagre. Sempre coloquei na minha cabeça que ia conseguir muitas coisas na vida. Podia ser um corrupto ou um ladrão como tantos que já surgiram.

Não tenho nenhuma preocupação em manifestar minha fé em lugar algum. Interpreto Cristo como filho de Deus, além de tudo. Um ser supremo sobre a Terra e todo o universo. É um privilégio muito grande imaginarmos nossa existência.

Cristo foi preso político. Tudo na Bíblia fala sobre o pobre, o sofrimento, a solidariedade. Ele foi assassinado pelo Estado pelo o que seria a polícia e o governador atualmente. Não foi, como argumentam por ele acreditar ser o filho de Deus. Ele incomodava aqueles que detinham o poder. Temos convicção disso. O poder construído atrás da mentira e do roubo, portanto do pecado. Ele foi, portanto, nossa referência. A presença de Nossa Senhora é a presença da intercessão. Acho isso bom na Igreja católica, embora eu tenha muitas críticas à nossa Igreja.

Acho importante um referencial religioso para a constituição de uma sociedade que incorpore o homem e a mulher como pessoas iguais no que diz respeito à sua inteligência e capacidades.

Em minha mala que levo para onde eu vou, ando com Nossa Senhora da Guia e meu terço. Aliás, ando preocupado que meu terço desapareceu. Eu o ganhei quando dia sete anos de idade.

Carrego também uma pedra que peguei quando mergulhei no Mar da Galiléia enquanto orava. Eu, Frei Beto e outros freis oramos na beira do lago e fomos tomar banho. Tenho foto de tudo. Trouxe uma pedra do Mar da Galiléia para cada um dos meus filhos, terra do Monte das Oliveiras e também do Santo Sepulcro. Ficamos muito tempo lá refletindo e orando. Foi quando eu não aguentei mais e comecei a chorar.

Tenho sete filhos. Um bom número. Eu e a minha esposa Roseli pensamos que se tivermos mais um ele será adotado. Será uma menina negra.

Meu filho mais velho se forma em Direito esse ano, graças a Deus. Ele está no quinto ano e eu estou atrasado, ainda no terceiro. Tenho outro filho que estuda Engenharia. Tem outro que se prepara para o vestibular. Está pensando em prestar para Propaganda e Marketing. Tenho outro com quinze anos. Tenho uma filha com doze anos que tive num relacionamento com uma namorada. Com Roseli sou casado há dez anos.

Meu filho mais velho é religioso. Os outros nem tanto. Aprenderam a rezar, mas como a mãe não é muito religiosa. A mãe dos quatro primeiros filhos. Mas estão sempre na missa de primeiro de maio me acompanhando. Luana é evangélica como a mãe. Lucas e Pedro vão à missa com a gente.

Acho algo muito importante. Como o Estado brasileiro é o lugar mais inseguro da Terra o meu porto seguro é essa minha pouca fé onde a gente pode estar em paz com Deus. Digo pouca fé, pois às vezes a gente tem dificuldade em interpretar muitos negócios da fé.

Eu aprendi a fé de uma maneira muito diferente. Não podia ir ao banheiro fazer uma coisinha errada. Deus estaria vendo, estava lá embaixo e o diabo debaixo do chão. As coisas mudaram muito de quando explicaram para a gente. Acho que isso tem me dado muita força em minha vida. Sinto uma tranquilidade muito grande quando vou a uma greve, participo de uma manifestação ou vou fazer um debate. Dependendo do lugar eu peço para Deus e Nossa Senhora iluminar minha mente.